

## DE FORMAÇÃO DO LEITOR: A LITERATURA NO VESTIBULAR DA UFES

Andréa Antolini Grijó  
Ufes

Apesar do longo percurso escolar traçado pelos estudos literários, foi nas duas últimas décadas que as pesquisas acadêmicas estiveram voltadas para uma efetiva preocupação com a especificidade metodológica do ensino da Literatura Brasileira, que se tornou assim, foco de inúmeras análises acerca da formação do professor, da formação do aluno, de materiais didáticos apropriados e políticas de leitura para um país ainda pouco leitor, mesmo que essencialmente inserido na cultura letrada.

Ao se observar o ensino da Literatura Brasileira hoje, da forma como se encontra no âmbito do escolar, especialmente o de nível médio, é praticamente impossível desvinculá-lo de dois elementos básicos: o vestibular e a formação do leitor.

Sim, o vestibular, uma vez que:

*nada , a não ser o vestibular, explica a presença da literatura no segundo grau, desde que se aceleraram as mudanças em sua organização. O vestibular, de cujo programa invariavelmente a literatura faz parte, converte-se no limite e na razão de ser do ensino daquela*<sup>1</sup>

e por esta razão, reveste-se de muita importância “na medida em que de certo modo, avaliam e orientam o ensino de segundo grau.”<sup>2</sup>

E a formação do leitor, em especial do aluno-leitor, é elemento crucial na construção de uma sociedade democrática, visto que, por meio da leitura, se tem o acesso aos bens culturalmente construídos. Daí ser a leitura condição essencial para o exercício pleno da cidadania. É , primordialmente a escola, “o lugar onde se aprende a ler e escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991. p.134.

<sup>2</sup> VIEIRA, A. **O prazer do texto**: perspectivas para o ensino de literatura. São Paulo:EPU,1989. p.53.

<sup>3</sup> ZILBERMAN, op. cit. , p.10, nota 3.

Este estudo pretende aliar os dois elementos antes citados: a formação de leitores e o Vestibular – por sua influência direta no ensino da Literatura, buscando compreender que conteúdos e práticas de ensino são estimulados por seu intermédio no ensino de Literatura Brasileira, no Ensino Médio.

Para alcançar objetivo geral do estabelecimento de relações entre o exame vestibular e a formação de leitores, foram eleitos os seguintes passos: ) análise dos programas e das provas de Literatura Brasileira dos exames vestibulares da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) no período de 1991 a 1998 para se entender o perfil do estudante que essa instituição tem traçado para aqueles que terão oportunidade de fazer parte dos seus cursos de graduação, em especial em relação à indicação de obras da literatura brasileira para leitura: que obras são essas e, especialmente, que abordagem é feita por meio das questões que a essas se relacionam? E além da análise qualitativa da prova, foram levantados dados quantitativos acerca da leitura das obras literárias indicadas pela instituição, como leitura obrigatória. Os objetivos desse foco, especificamente, foram os seguintes: observar o índice de leitura das obras indicadas; estabelecer relações entre os índices de leitura e os índices de acerto das questões relacionadas a essas obras; observar o índice de substituição da leitura das obras por leitura de resumos fornecidos e comercializados pelas escolas de Ensino Médio; observar a possibilidade de acerto das questões referentes às obras literárias sem necessariamente haver leitura das obras indicadas e a possibilidade de acerto somente pela leitura dos resumos.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram entrevistados 253 alunos aprovados no Vestibular da Ufes, em 1998.

Tratou-se, portanto, de pesquisa de cunho quanti-qualitativo que considerou dois modelos para “trabalhar com formas quantitativas e qualitativas como um modo de completar e ampliar informações”<sup>4</sup>, como percurso para chegar-se às conclusões complementares.

---

<sup>4</sup> ibid., p.99.

## **1. Provas de Literatura Brasileira no Vestibular da UFES: em busca de um perfil**

A solução que escolhi para responder a esta questão é estender, diacronicamente, a análise, buscando perceber se o modelo das provas de Literatura vem, ao longo dos anos, repetindo e cristalizando um modo de apropriação da Literatura que incentiva um hábito de não-leitura (ou de leitura não criativa), descredenciando a leitura do texto literário como necessário, e que, por isso, deveria ser fomentado no Ensino Fundamental e Médio. São as provas do período compreendido entre 1991 e 1997.

A análise busca identificar: os eixos fundamentais dos programas estabelecidos pelo exame; as obras literárias indicadas para leitura; o tratamento dado às questões da prova; a abordagem da leitura das obras indicadas nos programas das provas.

Com o objetivo de perceber que conhecimentos deve dominar o candidato-leitor para o ingresso na UFES no que concerne ao campo da Literatura, será observada a abordagem que é feita das obras literárias, do seu texto, se pressupõe ou não a sua leitura a possibilidade de acerto das questões apresentadas.

- Os programas das provas de Literatura Brasileira de 1991 a 1997 estruturam-se em torno dos eixos: Teoria da Literatura e História da Literatura Brasileira.
- As obras indicadas para leitura nos exames de 1991 a 1997: acerca das listagens, é importante observar que as 24 obras literárias indicadas, no período 91 a 97, são todas narrativas. Ao contrário do que pode ser observado na listagem de 98, que tem textos dramáticos e poéticos. A exclusão dos demais gêneros reproduz e reforça a pouca importância dada à leitura de outros gêneros literários que não o narrativo, especialmente o texto poético, na escola.

A preferência por textos narrativos facilita a elaboração dos resumos e o seu uso em substituição da leitura da obra integral, uma vez que não é muito complexo expor em resumo

ao estudante as características principais do texto narrativo, sendo bastante mais difícil fazê-lo no caso da poética, especialmente a lírica.

- O tratamento dados às questões das provas de Literatura Brasileira

Neste primeiro momento, analisaremos apenas o tratamento dado às questões que não estão diretamente relacionadas às obras indicadas. Do conjunto de 110 questões, de todas as provas, 51 (46,36%) podem ser assim categorizadas.

Nas provas de 1991, 92, 93, 95 e 97, metade das questões não têm relação direta com as obras, na prova de 1994, 40%, e na de 1996, 30%.

Estes dados indicam um aproveitamento exíguo dos textos indicados para leitura sugerindo, mais uma vez, um desprezo pela formação do leitor. Mesmo porque, tanto nestas questões, como nas demais – relacionadas às obras – pouco ou nada será exigido do candidato em termos da capacidade de leitura e análise dos textos literários

As 51 questões giram, como sempre, em torno dos dois eixos do programa: Teoria da Literatura e História da Literatura. Vejamos como são feitas as abordagens dos conteúdos.

A Teoria da Literatura está presente em todas as provas, num total de 17 questões, somando-se os diversos exames analisados. Deste total, 15 questões utilizam o texto poético, solicitando-se, em todos os casos, que o candidato identifique aspectos formais do texto: classificação de rimas e métrica; identificação do gênero literário acompanhado de afirmativas que o justificam, identificação da função da literatura presente no texto e características que constituem o discurso literário. Em duas questões, são usados textos em prosa e o enfoque relaciona-se também a aspectos formais de linguagem: neologismos, linguagem coloquial, foco narrativo e os efeitos de humor no texto.

As demais 29 questões estão relacionadas às estéticas dos períodos literários indicados nos programas. Solicita-se, em treze questões, que o candidato identifique a característica da

estética literária num texto literário apresentado, e em cinco, que identifique as características sem textos literários para leitura.

As habilidades que expressamente são exigidas nessas questões limitam-se ao conhecimento da Literatura Brasileira como um conteúdo por si só, sem estabelecer relações, nem mesmo com o leitor. Nomear e identificar características, ou associar nomes de autores a características e títulos de ‘períodos literários’ não exige habilidades de leitura ou análise e pode, efetivamente, transformar-se num exercício de memorização vinculado a uma série de conhecimentos que, na realidade, não levam ninguém a conhecer a Literatura Brasileira (compreendida como manifestação artística), nem vivenciá-la em seu potencial criador.

- As questões relacionadas às obras literárias indicadas para leitura nos exames de 1991 a 1997

As obras literárias indicadas para leitura nos programas de Literatura Brasileira foram abordadas em 59 (53,64%), das 110 questões das provas de 91 a 97. Na maioria das provas – de 91, 92, 93, 95 e 97 – essa abordagem é de exatamente 50% da prova, enquanto na prova de 1994 chega a 60% e, na prova de 1996, a 70%.

O levantamento quantitativo já permite a conclusão do grau de importância que essas obras merecem, junto aos demais conteúdos, na prova. O que deveria ser o eixo que sustenta a prova de Literatura Brasileira: a leitura e a capacidade de análise de textos literários tem, na maioria dos casos, que dividir, igualmente, espaço com conteúdos de ordem puramente conceitual, que, pelas análises anteriores, demonstram ter um fim em si mesmos. As questões que abordam os textos indicados para leitura mantêm sempre o mesmo enfoque, conforme pôde ser constatado pela análise anterior. Os elementos destacados são sempre os elementos da narrativa: enredo, foco narrativo, personagens, tema, espaço e tempo. Em alguns casos, é preciso identificar recursos estilísticos do autor e as características da estética literária a que pertencem.

Exatamente assim se estruturam os cadernos de resumos e análises literárias que circulam na escola de Ensino Médio e nos cursos pré-vestibulares, que conhecem a estrutura da prova e são montados para desempenhar o papel que lhes cabe no processo de ensino-aprendizagem da Literatura : o de substituir a leitura das obras indicadas pela Universidade, em seu exame de ingresso.

Na verdade, o que incentiva e acaba por promover essa substituição é a própria prova de Literatura Brasileira do Vestibular que privilegia conhecimentos formais acerca dos textos literários, e exige apenas noções superficiais das obras indicadas, muitas vezes calcadas na memorização - principalmente quando ao indicar um livro de contos, aborda um único deles que deve ser pinçado na lembrança do candidato pelo título - em detrimento da capacidade de interpretação e análise dos textos literários, habilidades que deveriam permear todo o processo de formação de leitores.

O perfil da prova de Literatura Brasileira na última década, permite constatar que não há preocupação com a formação de leitores uma vez que acabam por abordar conteúdos informativos, uma série de dados com fim em si mesmo, os quais ninguém sabe exatamente por que ou para quê está estudando e, quiçá, aprendendo.

Este perfil acaba reduzindo o texto literário a seus aspectos formais, buscando do candidato apenas que ele seja capaz de identificar alguns elementos constitutivos do texto ou lembrar algumas informações do enredo ou dos personagens para responder duas ou três questões de uma prova. Por esta razão que o candidato não é estimulado a fazer a leitura integral das obras: estas informações ele pode obter mais rápida e facilmente por um resumo.

### **O Exame de 1998 : Índices de Leitura - um estudo do vestibulando leitor**

Durante a pesquisa, foram entrevistados 250 alunos, que correspondem a 10,48 % do total de alunos aprovados.

### **1º eixo: Leitura das Obras Literárias**

Dos entrevistados:

a ) leram a obra integralmente:

I - Juca Pirama	52,40%
Quincas Borba	44,80%
Noite na Taverna	49,60%
A Rosa do Povo	14,40%
O Burrinho Pedrês	33,20%
Laços de Família	32,80%
Bufo & Spallanzani	27,60%
Gota D'água	31,60%
O País del Rey e A Casa Imaginária	16,80%

Acerca da leitura, é preciso ressaltar que, dentre os entrevistados:

Não leu nenhuma das obras indicadas	24,8 %
Leu todas as obras indicadas	4,4%

### **3º eixo: Leitura de Resumos ou Análises das Obras indicadas**

Dos entrevistados:

a) leram o resumo para complementar a leitura da obra indicada, ou seja, o aluno leu a obra integralmente e leu também o resumo ou análise:

I- Juca Pirama	15,2%
Quincas Borba	11,2%
Noite na Taverna	15,2%
A Rosa do Povo	5,2%
O Burrinho Pedrês	12,8%
Laços de Família	8,8%
Bufo & Spallanzani	9,2%
Gota D'água	9,2%
O País del Rey e A Casa Imaginária	8,0%

b) leram o resumo para substituir a leitura da obra:

I- Juca Pirama	32,4%
----------------	-------

Quincas Borba	34,8%
Noite na Taverna	30,4%
A Rosa do Povo	44,8%
O Burrinho Pedrês	36,0%
Laços de Família	33,8%
Bufo & Spallanzani	30,8%
Gota D'água	39,6%
O País del Rey e A Casa Imaginária	40,0%

A indicação de leitura de obras literárias como exigência do exame Vestibular é ignorada por um alto número de estudantes, já que ¼ dos alunos aprovados afirma não ter lido nenhum dos textos indicados, enquanto apenas 5,5% leram todas as obras. A comparação entre os dois índices permite constatar, estatisticamente, a hipótese de desconsideração da leitura literária pelos vestibulandos. Os motivos que, na verdade, os levam a essa desconsideração é o que busco identificar nesta análise. O primeiro relaciona-se, exatamente, com a prática pedagógica escolar, que não estimula a vivência da experiência criadora da literatura pelos alunos, muito pelo contrário; transformou-a num conteúdo obrigatório como qualquer outro, no qual é mais importante reproduzir elementos formais dos textos lidos, quando há leitura de textos, que massificam a leitura literária, ao invés de transformá-la num momento de descoberta.

Ora, a escola transformou a leitura polissêmica, em essência, em leitura parafrástica, da qual não é importante a significação, mas a informação, desviando o texto de sua função original, artificializando-o, impedindo que o leitor possa escolher seus próprios caminhos no bosque da ficção, assim definido por Umberto Eco:

*Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isso com frequência, porém o devaneio não é uma coisa pública; leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivéssemos em nosso jardim particular.*<sup>5</sup>

Essa experiência particular é que foi proibida pela escola, transformando a experiência

---

<sup>5</sup> ECO U. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



da leitura literária numa ‘atividade escolar’, pública, desinteressante, em que o gosto é substituído pela obrigação, o desejo, pela recomendação, a delícia, numa ‘chatice’.

Mesmo quando observamos os dados da leitura de cada um dos livros individualmente, pode-se perceber que os índices de abstinência de leitura são muito altos, ou seja, mesmo quando há um significativo número de leitores para as obras, o índice de não-leitores é extramente alto, suplantando comparativamente, o índice de leitores de oito das nove obras indicadas. A própria prova de Literatura Brasileira permite, por sua elaboração, que a não leitura das obras, ou que a simples substituição pelo resumo seja suficiente para um bom desempenho do candidato - essa última questão será analisada no próximo item deste capítulo.

O que os índices de leitura dos resumos nos apontam é que, na maioria dos casos, a leitura das obras é substituída sim, pelo resumo.

Não somente para os que ‘não conseguem andar’, ou seja aqueles que de alguma forma não leram a obra integralmente, mas também serve como ‘amparo’ para aqueles que, mesmo lendo as obras, recorrem às análises, como elemento de certificação de que é preciso se ler o texto sob orientação. O caderno de análises torna-se um porto seguro, na medida que tem aval acadêmico e institucional - quando vem da escola, ou da própria Universidade. É uma forma de ler os textos, com os olhos, ou com os óculos, de quem entende - na verdade, mesmo sendo em número menor - como é possível ser constatado nas tabelas indicativas - o caderno de análise, ou resumo, também é usado como leitura complementar pelos alunos, que decerto desconfiam de sua própria leitura, uma vez que a própria escola preparou-os para essa desconfiança, quando usa do discurso de leitura única, a correta: a do professor.

### **Análise da Prova de 1998**

A relação que se estabelece entre a abordagem das obras literárias e a formação do leitor é direta - porque, pode estimular e provocar a leitura dos textos indicados, ou não. Pode

permitir a substituição da leitura das obras por resumos, e principalmente, pode tornar vazia qualquer tentativa de aproximação entre Literatura Brasileira e candidato ao Vestibular, reforçando a estrutura social que mantém grande parte da população excluída de seu patrimônio cultural.

Das dez questões do exame, nove referem-se aos textos indicados, numa proporção de uma questão para cada obra. E uma questão refere-se a conhecimentos estéticos e históricos de Movimentos, ou Escolas Literárias - a 17ª. questão, sem estabelecer relação direta com nenhum dos textos indicados.

A abordagem das questões, como foi observado nessa análise, não pressupõe a leitura das obras, pelo menos em sua maioria, e algumas das vezes é possível se substituir a leitura dos textos, pela leitura de uma boa análise, ou um bom resumo.

Ler as obras indicadas para o exame Vestibular torna-se, então, uma atividade obsoleta, impossível para os que têm tantos conteúdos de outros componentes curriculares para estudar.

Sim, é uma prova que, em muitos casos, valoriza a interpretação do texto, mas ignora que a indicação das obras não é mero pretexto para elaboração de questões. Os textos indicados tornam-se excertos exemplificadores para que se explorem, na verdade, conteúdos formais da Teoria da Literatura ou dos diferentes Estilos Literários da História da Literatura Brasileira.

Desrespeito com o texto, desrespeito com o leitor, que se vê, por assim dizer, ludibriado pelo mau uso das obras literárias pelo Vestibular da UFES.

A prova, enfim, acaba por colaborar para a manutenção dos índices baixos de leitura na escola de Ensino Médio e cristaliza as práticas comuns de substituição da leitura pelos resumos que circulam nas escolas.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia (org.) **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º.COLE. Campinas: Mercado de Letras,1995.192 p.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Que livro indicar?** Interesses do jovem leitor. Porto Alegre, Mercado Aberto/ IEL, 1989. 80 p.
- ALMEIDA, Laura Beatriz Fonseca de. A literatura e o manual didático:uma convivência possível? **Presença pedagógica** , Belo Horizonte, v. 05, n.28,p.41-47, jul./ago.1999.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977. 118 p.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.582 p.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (org.) **Direitos humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.p.107-126.
- CASSAVIA, Gilberta Macahdo Luz. **O ensino da literatura no Brasil**: um histórico. 1981. 74 p. Dissertação de Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- COLL, César e SOLÉ, Isabel. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, César (org.) **O construtivismo na sala da aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 9-29.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 198 p.
- GAMBOA, Sívio Sánchez. **Pesquisa educacional** : quantidade - qualidade. São Paulo: Cortez , 1995.
- GOMES, Deny. A questão 17 do vestibular 98. **Você**, Vitória, n.54,p.22-25, fev.1998.
- JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luis Costa (org.) **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-82.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática , 1993.112p.
- \_\_\_\_\_ e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**: livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.177p.
- LEITE, Lígia Chiapinni Moraes. **Invasão da catedral** : literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 204 p.

- MALARD, Letícia. **Ensino e literatura no segundo grau** : problemas e perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 112p.
- MARCO, Valéria de , LEITE, Lígia Chiapinni Moraes e SPERBER, Suzi Frankl ( orgs.) **Língua e literatura: o professor pede a palavra**. São Paulo: Cortez / APLL / SBPC, 1981. 184 p.
- MARTINS, Maria Helena. **Crônica de uma utopia** : leitura e literatura infantil em trânsito. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poeisa. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1987. 317p.
- MORENO, Montserrat. Temas transversais : um ensino voltado para o futuro. In : BUSQUETS, Maria Dolors et al. **Temas transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1997.p.19 -60.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa**:abordagem teórico - prática. Campinas: Papirus, 1996.
- RIBEIRO, Francisco Aurélio. A banca errou. **A Gazeta**, Vitória, 29 dez. 1997.p.5.
- \_\_\_\_\_.(org.) **Leitura e literatura infanto - juvenil** . Vitória, UFES/ PPGL, 1998. 280 p.
- REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil** : uma nova perspectiva de alfabetização m pré - escola. São Paulo: FTD,1990.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura / Ensino** : uma problemática. São Paulo: Ática, 1981. 286 p.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Para uma teoria da interpretação**: semiologia, literatura e interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.147p.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção de leitura na escola**: pesquisas e propostas. São Paulo: Ática , 1995. 93p.
- \_\_\_\_\_. **Críticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado de Letras e Associação de Leitura do Brasil, 1998.111p.
- \_\_\_\_\_. **Elementos da pedagogia da leitura**. 2. ed.São Paulo: Martins Fontes, 1993.140p.
- SILVA, Lilian Lopes Martim da. **A escolarização do leitor**: a didática da destruição da leitura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.72 p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Comissão Coordenadora do Vestibular. **Vestibular 91- Manual do Candidato**. Vitória, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Vestibular 92 - Manual do Candidato**. Vitória, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Vestibular 93 - Manual do Candidato** .Vitória, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vestibular 94- Manual do Candidato**. Vitória, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vestibular 95 - Manual do Candidato**. Vitória, 1994.

\_\_\_\_\_. **Vestibular 96 - Manual do Candidato**. Vitória, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vestibular 97 - Manual do Candidato**. Vitória, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vestibular 98 - Manual do Candidato**. Vitória, 1997.

VIANA, Vivina de Assis. De volta às escrituras. **Presença pedagógica**, Belo Horizonte, n.3, p.5-19, mai./ jun. 1995. Entrevista concedida à revista.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto** : perspectivas para o ensino da literatura. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1989.68p.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1991. 146p.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Os sentidos da leitura. **Presença pedagógica**, Belo Horizonte, n.4, p.23-37, jul./ago. 1995.

YUNES, Eliana. Literatura e educação. In: KHÉDE, Sônia Salomão (org.) **Os contrapontos da literatura** : arte, ciência e filosofia. Petrópolis: Vozes, 1984. p123-132.